

# *Versos*

reunidos por Luís da Câmara Cascudo

**Lourival Açucena** (Lorenio)  
pseud. de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena  
1827-1907

**Fonte:**

AÇUCENA, Lourival. Lorenio (Joaquim Eduvirges de Mello Açucena). *Versos* reunidos por Luís da Câmara Cascudo. 2. ed. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1986. 113 p. [**Texto proveniente de:** AÇUCENA, Lourival. (Lorenio), pseud. de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, 1827-1907. *Versos* reunidos por Luís da Câmara Cascudo. Natal, Typ. d'A Imprensa, 1920. 93 p.].

## A POLÍTICA

### I

Você pergunta, Yayá,  
Por que deixei a política?  
Você quer saber de tudo,  
Você é muito analítica.

Pois bem, eu lhe digo:  
Ouça o que eu refiro,  
Porque nesse jogo  
Já fechei o firo...  
Mas, olhe, menina,  
Que dos meus arcanos  
Não quero que saibam  
Gregos nem Troianos...  
Já ouviu, Yayá?

### II

Esses arautos políticos,  
Quer de uma, quer doutra grei,  
Quando estão de baixo gritam:  
“Viva o povo” – “Abaixo o Rei”!

Mas, o sábio Rei,  
Que conhece tudo,  
Faz que não entende,  
Fica surdo e mudo;  
E o povo que idéia  
Não tem dos negócios  
Vai crendo nas loas  
Dos tais capadócius...  
Já ouviu, Yayá?

### III

Prometem ao pobre povo  
Um governo angelical,  
**A terra da promessa,**  
Um paraíso ideal...

Porém, quando grimpam,  
Cessam as cantigas  
E tratam somente  
De suas barrigas.  
E nem mais conhecem  
Aquele bom moço  
Com quem já viveram  
De braço ao pescoço...  
Já ouviu, Yayá?

IV

Prometem casas da Índia,  
Cabedais, mundos e fundos:  
Mas, quando estão no poleiro:  
–Viva Dom Pedro segundo!

Seja liberal  
Seja puritano,  
Traz o povo sempre  
Num completo engano.  
Gregos e Troianos  
Procedem assim...  
Eu vou debulhando  
Tintim por tintim...  
Já ouviu, yayá?

V

Enquanto esperam maré,  
Oh! Que afeto! Oh! que doçura!  
Mas, quando embarcam na lancha,  
Quanto gás!... quanta impostura!

E toda carícia  
Veste-se em orgulho,  
E a massa fina  
Reduz-se a gorgulho.  
Eu de rapapés  
Estou escarmentado,  
E de farrambambas  
Muito escabriado...  
Já ouviu, Yayá?

VI

Nas vésperas da eleição,  
Vão à casa do compadre,  
Dão beijos no afilhado,  
Rompem sedas à comadre...

E o pobre diabo  
Entra na rascada,  
Tomando sopapos,  
Servindo de escada.

Eles vão p'ra Corte

E o compadre fica  
Bebendo jucá,  
Ou dose de arnica...  
Já ouviu, Yayá?

VII

Propalam grandes idéias,  
Proclamam belos princípios,  
Arrotam patriotismo,  
Por todos os municípios.

Tudo isto é **pirraça**,  
Isto tudo é **peta**,  
É toda a questão  
**L'argent** na gaveta:  
Ou, então, galgar-se  
O mando, a grandeza,  
Para, lá de cima,  
Calcar-se à pobreza...  
Já ouviu, Yayá?

VIII

Morra Pedro e viva Paulo,  
Com muita festa p'ra festa,  
Com pouco mais: – Viva Pedro,  
Morra Paulo que não presta.

Quanta incoerência  
E contradição!...  
Oh! Que mastigado  
Que especulação!...  
Quem isto negar  
Terá boa fé?!...  
Nega de finório,  
Ou de **pai-mané**...  
Já ouviu, Yayá?

IX

Hoje, Sancho é muito bom...  
Amanhã, Sancho é ruim...  
Já fica sendo um demônio  
Quem foi ontem Serafim.

Eu não os entendo,  
Eu não os percebo,  
E, nesta **enredada**,  
Se os percebo, cebo!...  
Por isto, safei-me,  
Sem bulha e arenga,  
E livre-me Deus  
Da tal estrovenga...  
Já ouviu, Yayá?

## EU NÃO SEI PINTAR AMOR

Amor é brando, é zangado  
É faceiro e vive nu,  
Tem vistas de cururu,  
E vive sempre vendado:  
É sincero, é refochado,  
Causa prazer, causa dor,  
Tem carinhos, tem rigor,  
Amor... pinte-o quem quiser,  
Retrate o amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é terno, é cruel,  
É rico, é pobre, é mendigo,  
É dita, é peste, é castigo,  
É mel puro, é agro fel;  
Tem cadeias, traz laurel,  
É constante, é vil traidor,  
É escravo, é grão Senhor,  
Amor... pinte-o quem quiser,  
Retrate o amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é loquaz, é mudo.  
É moderado, é garrido,  
É covarde, é destemido,  
É galhofeiro, é sisudo.  
É vida, é morte de tudo,  
É brioso, é sem pudor.  
Traz doçura, dá travor,  
Amor... pinte-o quem quiser,  
Retrate o amor quem souber,  
Eu não sei pintar amor.

Amor é grave, é truão,  
É furacão é galerno,  
É paraíso, é inferno,  
É cordeirinho, é leão;  
É Anjo, é Nume, é Dragão,  
Tem asas, tem passador,  
Dá esforços, faz tremor.  
Enfim, pinte-o quem quiser,  
Retrate amor quem quiser,  
Eu não sei pintar amor.

## DELÍQUIOS

Donzela bela, Eucaris formosa,  
Brisa odorosa, que afugenta a calma:  
Ah! Foge, foge, dos salões dourados,  
Que mil cuidados me despertas n'alma.

Donzela bela, Flor de Lis amada!  
Mimosa fada, que de amor me encanta:  
Se brinca o zéfiro com o teu cabelo,  
Amargo zelo meu prazer quebranta.

Donzela bela, ante quem Aglaia  
Cora e desmaia, vendo um teu sorriso;  
Do rio à margem, oh! esconde o seio,  
Pois me receio do gentil Narciso!

Donzela bela, oh! Não vejo o mundo  
Esse jocoso riso encantador.  
Não vás ao bosque, que no bosque habitam  
Deuses que excitam de volúpia amor.

Donzela bela! Não me dês ciúmes,  
Brandos queixumes, compassiva, atende,  
Ouve: não queiras de Silvano a flauta,  
Que a virg' incauta sedutora prende.

Donzela bela! prazenteira palma,  
Vida dest'alma, que só quer amar-te;  
Da trácia lira ternos sons desejo,  
Em doce arpejo para consagrar-te.

Donzela bela! Vênus coruscante!  
Em seu levante pela madrugada,  
Sob os influxos dessa luz benina  
A minha sina já se vê mudada.

Donzela bela! nenúfar mimoso,  
Vergel umbroso, onde Amor descansa,  
Dá-me um abrigo nos teus lindos braços,  
Preso nos laços da sedosa trança.

## A PORANGABA<sup>1</sup>

Minha gentil Porangaba,  
Imagem, visão querida,  
Só teu amor me conforta,  
Nos agros transe da vida.

Quando ouço a juriti  
Soltar saudosa um gemido,  
Saudoso, pensando em ti,  
Respondo com um ai! dorido...

Se, na campina deserta,  
Terno sabiá gorjeia,  
Deste amor, que me inspiraste,  
Voraz a chama se ateia.

Quer procure o povoado,  
Quer divague na espessura,  
Mostra-me a mente abrasada  
Tua elegante figura.

Estando de ti ausente,  
Da saudade eu sinto a dor;  
Serão teus os meus suspiros,  
Minha afeição, meu amor.

Da vida o doce prazer  
Em mim fenece e acaba;  
Só este amor não falece,  
Minha gentil Porangaba!

*Nota de Câmara Cascudo: “(há inúmeras transcrições destes versos. Algumas ressentem-se de erros terríveis. Copiei os versos acima da “Imprensa Periódica”, do Dr. Luiz Fernandes, onde o Prof. Joaquim Lourival os havia revisto. – L. da C.C.)”*

---

<sup>1</sup> Foi publicada uma versão deste poema em *Oásis*: revista mensal “Le Monde Marche” (Natal, Ano V, n. 79, p. 2, 1º jun. 1898).

**SABIÁ**  
(LUNDU)

Eu fui pegar passarinho,  
Na matinha de Yayá?  
Engendrei o meu lacinho  
E peguei um sabiá.

Sabiá, eu bem sabia,  
Sabia que tu caías.  
Sabiá, fica sabendo  
Que tu caís todos os dias.

Sabiá ressabiado  
Na matinha arrepiou-se,  
Eu toquei chama de baixo  
Sabiá veio, entregou-se.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Saiba todo sabiá  
De mata, gangorra ou praia  
Que não armo a gangolina  
Em que sabiá não caia...

Sabiá, eu bem sabia, etc.

E Yayá já sabe hoje  
Que eu sei pegar passarinho,  
E que sabiá sabido  
Não me come o melãozinho.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Junho de 1875.

## PIRRAÇAS DE AMOR

Ante os citérios altares,  
Respeitoso apresentei-me,  
E das **pirraças** de Amor  
A Vênus assim queixei-me:  
– “Ó deusa da formosura,  
Se fazes justiça pura,  
Castiga Cupido ingrato  
Que, com juras e promessas,  
Pregando: mocas e peças,  
Fez de mim **gato sapato**”.

Respondeu-me Vênus,  
De bom parecer:  
“Quem se dispõe a amar,  
Dispõe-se a sofrer;  
Gracinha de amor  
Amor quer dizer...”

– “Ouve, atende, ó linda deusa:  
Asseverou-me Cupido  
Que da formosa Tircea  
Eu era amado e querido;  
E, quando eu já muito crente,  
Saltitando de contente,  
Ia explicar-me com ela,  
Rompe ele a pateada,  
Solta a bela uma risada,  
E zás... me bate a janela!”

Respondeu-me Vênus,  
Com riso maligno:  
–“É muito garoto  
Aquele menino!  
Mas não se despeite  
Com o pequenino”.

Assegurou-me que Eulina,  
Em delíquios amorosos,  
Delirava por me ver  
Entre os seus braços formosos:  
Para a escada de um sobrado,  
Onde habita o bem-amado  
Funesta paixão me arrasta;  
Ele, porém, de antemão,  
Nos degraus unta sabão:  
Virei de **bumba canastra**.

Respondeu-me Vênus,  
Com ar zombeteiro:  
“Aquele meu filho  
É muito brejeiro!  
Sempre foi assim  
Vivo e galhofeiro”.

Fez-me crer também que eu era  
Os sonhos de um serafim,  
Pois que Jonia encantadora  
Morria de amor por mim!  
Não sei como tal notícia  
Não me matou de delícia!  
Mas era uma nova entrega...  
Pois Jonia com o filho teu  
Encapelou-me o chapéu  
E fez de mim **cabra-cega**.

Respondeu-me Vênus,  
Meneando a trança:  
– “É muito traquinas  
Aquela criança.  
Só com paciência  
Afetos se alcança.”

Jurou-me, enfim, por teus mimos  
E pelas águas do Estige,  
Que por mim terna paixão  
De Clorinda o peito aflige;  
Fui bem ancho ter com a bela,  
Mas, teu filho unido a ela  
Apresta p’ra caçoadada  
Uma chusma de vadios,  
Que entre gritos e assobios,  
Fez-me **chispar na palmada**.

Vênus, a bom rir,  
Com as faces vermelhas,  
Me disse franzindo  
Lindas sobrancelhas:  
“Quando ele chegar  
Puxo-lhe as orelhas”.

De Vulcano a esposa pérfida  
Inda a frase não findava,  
Quando o filho adúltero  
Neste comenos entrava.  
A mãe, com ledor festejo  
Para dar-lhe um terno beijo,  
Da ara desce um degrau...  
E ele dizendo **xetas**,  
Saudou-me com três caretas,  
E por fim deu-me um **gagau**...

Sempre os filhos seguem  
De seus pais o trilho...  
Se Vênus é pérfida,  
É pérfido o filho.  
E o jogo de Amor  
É só de codilho!...

## UMA VISÃO

De minha casa já o fogão servia  
De **frio leito** ao envelhecido gato,  
Que, em altas conferências com um rato,  
Seus tratados de paz ali fazia.

Uma vez, em que a noite bem corria,  
Em horas de se abrir secção no mato,  
Evocando-se o demo mais gaiato,  
Horrendo trasgo sob a trempe eu via.

Convulso grito, titubeante brado:  
“Larva maldita, que tens tu comigo?”  
Ouve-me e diz: “De ordem do teu fado,

Venho dizer-te que teus passos sigo,  
**Caipora...** eis meu nome, desgraçado!  
Amo-te muito, viverei contigo...”

## SONETO

*Escrito em homenagem ao Dr. José Nicolau Tolentino de  
Carvalho, Presidente da Província de 18-4-77 a 6-3-78.*

Do valente Poti a pátria amada,  
A Tolentino ilustre agradecida,  
Aos céus implora lhe eternize a vida,  
Renome excelso, glória sublimada.

Pelos desvelos seus sempre amparada,  
A crise resistiu mais desabrida,  
Pelas suas virtudes socorrida,  
Na dor não sucumbiu desesperada.

Hoje, em ternos adeuses tão saudosos,  
Falar dele bondosa me consente  
Entre filhos que tem mais prestimosos.

Conduzam o Varão nobre e clemente  
Galernos ventos, mares bonançosos,  
Pois quer o fado que de nós se ausente.

## SONETO

*Sob o mote: Hei de mártir de amor, morrer te amando.*

Inda cabe rigor nesse teu peito?!  
Anália, de afligir-me inda não cansas?!  
Cruel, não sentes, ímpia, não alcanças  
De tua ingratidão o triste efeito?!

Teu duro coração já satisfeito  
Acaso não estará dessas provanças,  
Que me dão caprichosas esquivanças,  
Com que pisas de amor doce preceito?!

Entre surdos arquejos de agonia,  
Vou a Vida de angústias acabando,  
Que um ai! um só sorriso salvaria.

Mas, embora ferina vás matando  
Meu firme coração com tirania,  
“Hei de mártir de amor, morrer te amando...”

1861

*Nota de Câmara Cascudo: “O Dr. Luis Fernando no seu “Imprensa Periódica” dá o nome de **Marília** em vez de Anália. Pág. 19. ob. cit. Copio, assim, pois possuo um velho caderno de versos do poeta, que me foi oferecido pelo filho Prof. Joaquim Lourival.”*

## SONETO

*Ao generalíssimo Deodoro*

Virgílio, Homero, assombros de harmonia!...  
Vossos plectros mimosos, soberanos,  
Que harpejaram Helenos e Troianos,  
Quem dera me cedêsseis neste dia!

Era p'ra ti, Deodoro, que eu queria  
Arroubos divinais, sons mais que humanos,  
Pois que és o terror de ímpios tiranos  
E do Brasil a glória ufania.

Relampejou teu gládio sem revés,  
Trovejou teu valor, Cid altaneiro,  
E o despotismo audaz caiu-te aos pés!

Da América as nações, bravo guerreiro,  
Palmas te dão, afirmam que tu és  
Alto brasão do povo brasileiro.

## ACRÓSTICO

*Ao invicto Marechal Floriano Peixoto*

Fado risonho, resplendente glória,  
Leio e diviso bem na tua estrela,  
Onde imortal, aurífera capela,  
Renome te prepara em linda história.  
Inda que a inveja, das paixões escória,  
Ante teu vulto egrégio se arrepela,  
Não poderá, jamais, a trama dela  
Obter contra ti real vitória.

Por norte e guia de uma vida pura,  
Em graus subido, tens honestidade,  
Inteireza, critério e heroicidade,  
Xarifes que contêm fama segura,  
Onde brilham Calisto e Cinosura,  
Tua fama, também, com majestade,  
Ovante tomará sublime altura.

## SONETO ACRÓSTICO

*Por ocasião da notícia do falecimento de seu filho,  
Carlos Lourival, cadete do 10.º Regimento de  
Cavalaria em São Paulo.*

Canoras aves que Jeová criou,  
Auras da tarde, brisas matutinas,  
Rios, regatos, fontes cristalinas,  
Lindas florinhas que Milésio amou;

Olentes prados que a natura ornou.  
Sombra dos bosques, eco das colinas,  
Louras ninfas de faces purpurinas:  
O lindo jovem por aqui passou?

Undosos mares astros, gênio ou fada,  
Rábicas feras que rugis aí,  
Ímpios sicários que infestais a estrada,

Vistes Adônis? Passaria aqui?  
Ah!... Não passou... À célica morada  
Lá foi, com Jeová viver ali.

## SONETO

*À D. Maria Emília de Melo Azevedo (Sinhazinha) no  
dia dos seus anos.*

Se é belo na manhã fresca e serena  
Ver a rosa ostentar realeza,  
E altivando o primor d'alta beleza  
Sobre o galho embalar-se tão amena.

Se é belo ver a cândida açucena  
Vergonhosa brincar com a doce aragem,  
E tomando de Flora a linda imagem,  
Da donzela imitar a mão pequena.

Se é belo, no pomar delicioso,  
Ver com brandos queixumes a rolinha  
Extremosa a chamar o terno esposo.

Mais belo é ver-te leda e tão azinha,  
Em teu aniversário venturoso,  
Conquistar mil aplausos, Sinhazinha.

27 – 1 – 1876.

*Nota de Câmara Cascudo: “Segundo o Prof. Joaquim Lourival, este soneto é uma paródia de M. M. B. du Bocage.”*

## **EULINA**

Ave noturna, agoureira,  
Não me apavora o teu canto,  
Mais desastres não receia  
Quem de amor desfaz-se em pranto.

Se a natureza fadou-te  
Para males empregares,  
Não assustam teus pregões  
A quem sofre agros pesares.

Ervada seta de amor  
Meu triste peito feriu.  
Ao acúleo da saudade  
Minh' alma já sucumbiu.

Ave tristonha e sinistra:  
Carpe tua negra sina  
Chora, que eu choro também,  
A longa ausência de Eulina.

## MARÍLIA

Meu amor, meu bem, Marília,  
Marília escuta os meus ais.  
Se percebes que eu te amo,  
Por que me atormentas mais?

Já te dei em holocausto  
Alma, vida e coração,  
Tu me dás em recompensa  
Negra, feia ingratidão.

Se sou culpado em amar-te,  
Crimina tua beleza;  
Não a mim, que inocente  
Sigo a lei da natureza.

*Nota de Câmara Cascudo: “Estes versos são habitualmente deturpadíssimos pelos pseudocoordenadores de modinhas. Posso garantir que Lourival só escreveu os três que escrevi acima. Se outros aparecerem são apócrifos: garantia o filho do poeta, Prof. Panqueca.*

## SONETO

*Ao ilustríssimo jovem natalense Joaquim Fagundes.*

De prendas preciosas adornado,  
Tens, amigo Fagundes caro e fido,  
Singelo peito de valor subido  
De independência excelsa bafejado.

De caráter sublime, aprimorado,  
De invejável talento enriquecido,  
Tu brilhas, na virtude enobrecido,  
Como brilha em candura a flor do prado.

Sacra filha dos céus – doce amizade,  
Tais encantos te oferece e glória tanta  
Que de ti fez seu templo esta deidade.

A fronte juvenil, eia, levanta!  
Nobre orgulho tu és da mocidade  
E de um amigo que te preza e canta.

*Nota de Câmara Cascudo: “Publicado no n.º 7 de **Echo Miguelinho**, de 12 de novembro de 1874. Tinha sido escrito a 18 de agosto do mesmo ano.”*

## ACRÓSTICO

*Oferecido à poetisa Anna Lima.*

Alta poesia e graças a esparzir,  
Não, não queiras, aqui, Aglaia linda,  
Nem Musa alguma pode residir  
Onde a inveja é potência infinda.

Lá está, não a vês, Calíope a carpir?  
Inda a hora maldiz da sua vinda,  
Mimosa filha da Virtude santa,  
Atende o vate que te preza e canta.

*Nota de Câmara Cascudo:*

*“São os últimos versos do poeta.*

*Estes versos me foram participados por Deolindo Lima, irmão da poetisa e íntimo do velho Poeta que lh'os ditou.”*

## UMA PRECE

*À virgem Mãe do Senhor, por tenção do imortal  
poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage.*

*Ave, ave imortal, serena Diva,  
Rosa de Jericó por Deus disposta,  
Dos mortais, de que és mãe, seu pranto enxuga,  
Seus males abonance um teu sorriso.*

BOCAGE, *Encarnação do verbo.*

Mulher Divina, se eu cantar pudesse  
Teu nome excelso, que o inferno abala,  
Nunca deixara minha pobre lira  
Um só momento de exalçar alegre  
Santas virtudes, maravilhas tantas,  
Que em contemplá-las a natura pasma!

Aquele vate, desditoso, altivo,  
Que achou nos vícios lenitivo triste  
Ao triste fado que o seguia austero,  
Aquele vate sonoro, exímio,  
(Estro assombroso...) que viveu perdido  
Na nobre pátria dos Camões, dos Nunes,  
As glórias tuas decantou tão alto,  
Em lindos carmes de doçura angélica,  
Que inda ressoam pelo orbe inteiro  
Estranhas notas que depois ninguém  
Jamais em versos pôde ouvir na terra!

E eu, oh! Virgem, se vier agora,  
Pobre trovista de confuso estro,  
Sem patrocínio, sem favor nas musas,  
Sem luz, sem tino, gaguejar nas trevas,  
De ousada inépcia, de imperícia estulta,  
Sobre prodígios que o discurso estancam,  
Terei por pena o merecido riso,  
De zoilo cínico, que o poeta morde.  
Qual, entre as fendas de escarpada rocha,  
Ave agoureira, pavorosa e triste,  
Soltando guinchos, praguejando a luz,  
E já cansada de imprecicar desastres,  
No grito pávido que ao vivente assusta,  
Ensaia vôo desigual, incerto,  
E vai piando pela encosta abaixo:  
Assim também estropeando o plectro,  
Querendo a transe titubear louvores,  
No louco empenho de cantar-te as glórias,  
Tétricas notas sacarei da lira,  
Grosseira, humilde, carunchosa e rude,

Em rude canto, que agradar não pode.  
Por tanto, oh! Virgem, ante quem submissos  
O céu, a terra, de prazer exultam,  
Não venho agora consagrar-te cantos;  
Meus pobres versos, sem concerto e graça,  
Falar não podem de inefáveis dotes,  
De altos prodígios com que Deus sem custo,  
Para chamar-te Mãe, Esposa e Filha,  
Suspende, altera da natura as leis.  
Venho curvado a esse planta augusta,  
Que humilha e quebra de Lusbel as fúrias,  
Pedir-te graças, dirigir-te súplica.  
Glória das Virgens, soberana Diva,  
Preclara Idola, singular espelho,  
Em que se miram divinais virtudes,  
Por Deus, me escuta, minha prece atende.

Se lá na pátria de eternais delícias,  
Na celeste mansão onde descansam  
O sábio, o justo, o que sofreu na terra  
A sede de justiça, confiando  
Do Cristo na promessa fidedigna,  
Habita, por mercê dum Deus clemente  
O ínclito cantor das glórias tuas,  
Bocage insigne, (o primoroso Elamano...)  
Aquele em cuja musa refervia  
Crepitante vulcão de força ingente  
Aquele que, exaltando as tuas glórias  
Em profusas torrentes de harmonias,  
Cadência, etilo, melodia e arte  
Tudo, tudo esgotou, exauriu tudo;  
Requinta-lhe o prazer, dobra-lhe os gozos,  
Que porventura frui junto ao teu Filho:  
E cada nota, que da lira angélica  
Aqui na terra te sagrou pujante,  
De luz um raio fulgurante seja  
Que a fronte resplendente lhe circunde.  
Porém, se acaso punição eterna  
Sofre em abisso de tortura horrenda,  
Pelo flagício que, talvez, na febre  
Da atra volúpia, de paixões nefandas,  
Louco ostentasse, delirante e cego,  
O nobre vate que exalçou teu nome;  
Ai... interpondo teus preclaros méritos,  
Roga, suplica de Jesus piedoso  
Que tire e salve do profundo lago  
O doce e terno moribundo cisne;  
Oh! não consintas, piedosa Virgem,  
Que um só momento permaneça ainda  
Na lóbrega morada dos horrores  
Quem a ti consagrou, cantou tão belos;  
Mística rosa de fragrância pura,  
Cândido lírio de vernal beleza,  
Limpa su'alma do negror da culpa,  
Nesse bafejo virginal e santo

Com que sublimas do Empíreo os gozos.  
Acode o vate, Preexcelsa Virgem,  
Gentil Devanaguy mais pura e santa,  
Aurora rúbida que nos trouxe a luz,  
Salva o poeta, teu cantor adita,  
Depura-o com a gota preciosa  
Do sangue imaculado e sacrossanto  
Que por ele Jesus verteu na Cruz.

*Nota de Câmara Cascudo:*

*Publicado no número 8 d'A **Tribuna** do dia 22 de setembro de 1897.*

## CANTO DO POTIGUARA

(TORÉ)

**Curupira** se afugenta,  
**Manitó** esquece a **taba**,  
Mas minh'alma não esquece  
O amor de Porangaba.

Cai a murta, o camboim,  
O murici, a mangaba,  
Mas não cai dos meus sentidos  
O amor de Porangaba.

Cambaleia o pau-d'arqueiro,  
Que ao rijo tufão desaba:  
Mas não se abate em meu peito  
O amor de Porangaba.

Vai-se o torcaz que gemia  
Ao pé da jabuticaba,  
Mas não deixam os meus anelos  
O amor de Porangaba.

Foge a abelha que zumbia  
Sobre a flor da guarabira,  
Mas não foge aos meus afetos  
O amor de Porangaba.

Despe a flor o ingazeiro,  
A oiticica, a quixaba:  
Mas não me escapa da mente  
O amor de Porangaba.

Da CUNHÃ remorde a face  
Reimoso **capiucaba**;  
Mas não remorde o ciúme  
O amor de Porangaba.

De Moema o terno amor,  
Não, não rende o imbuaba,  
Mas a mim rende e cativa  
O amor de Porangaba.

Da extremosa Margarida  
O amor já não se gaba;  
Mas eu decanto, ARÃHY,  
O amor de Porangaba.

O **pajé** canta bravura  
Do alto **Morubixaba**,  
Mas eu só canto em toré  
O amor de Porangaba.

**Anhangá cede a Tupã**

No poder que não se acaba,  
Mas não cede a outro amor  
O amor de Porangaba.

1874

*Nota de Câmara Cascudo: “Transcrito em diferentes jornais. Copiei este do número 7 do **Echo Miguelino**, de 12 de novembro de 1874”.*

## EXPLICAÇÃO DO Canto do Potiguara

**Potiguara:** “Comedor de camarão”, nome da tribo que habitava o Rio Grande do Norte.

**Toré:** Melopéia indígena. Canto tristonho, prolongando os últimos versos.

**Curupira:** Gênio do mal.

**Manitó:** Gênio protetor da\*

**Taba:** Casa grande ou ajuntamento das habitações indígenas.

**Camboim:** Fruto silvestre do Brasil.

**Muricy:** Ou murici, gênero de plantas malpighiáceas do Brasil.

**Pau-d’arquivo:** Nome popular do pau-d’arco.

**Torcaz:** ou ainda **concliz**, ou curupião, nome de ave do Brasil, famosa pelo canto e pelas cores.

**Jaboticaba:** Fruto da jaboticabeira, mirtácea do Brasil, que compreende várias espécies.

**Guabiraba:** fruto da guabirabeira; gênero de borragináceas do Brasil.

**Quixaba:** Fruto silvestre do Brasil.

**Cunhã:** Donzela.

**Capiucaba:** Maribondo.

**Moema:** Personagem histórica dos primeiros tempos de colonização do Brasil.

**Imbuaba:** Nome dado pelos indígenas aos Europeus; do guarani – **neboab** “pernas vestidas”.

**Arãhy:** Interjeição ou explosão de voz (em tupi) traduzindo a saudade.

**Pajé:** Feiticeiro e cantor dos feitos guerreiros da tribo.

**Morubixaba:** Chefe dos índios. Maioral.

**Anhangá:** O diabo dos índios.

**Tupã:** Deus.

---

\* Frase incompleta.

## POESIA

*A um sítio aprazível em que passei um  
dia, em companhia de alguns amigos.*

Que sol donoso,  
Que ar embalsamado!  
Aqui não é madrasta a natureza,  
É mãe, tudo respira almo deleite.  
ALVES BRANCO (*Vida Campestre*)

Salve, grata solidão,  
Salve, sítio deleitoso,  
Morada de mil encantos,  
Retiro delicioso.

Todo o teu gentil aspecto  
Salpicado é de um sorriso,  
Contemplando-o qualquer néscio  
É poeta de improviso.

Raro efeito em mim produzem  
Tuas flores recedentes,  
Que antigas paixões geladas...  
Sinto n'alma, agora, ardentes.

Parece que a dengue rosa,  
Com garbo ledó e vaidoso,  
Entre delíquios namora  
Nítido cravo formoso.

Com tua flórida relva  
Brinca zéfiro fagueiro,  
Que anima, alegre e realça  
A margem do teu ribeiro.

O xexéu, lindo lacaio  
Dos voláteis companheiros,  
Solta engraçados gagaus  
Sobre teus belos jambeiros.

No majestoso coqueiro  
O cupiro altissonante,  
Com variados concertos,  
Beija, afaga a doce amante.

O aurinegro concliz,  
Sobre mangueira copada,  
Maviosos sons desprende  
Da garganta atenorada.

Em simétricas fileiras  
De laranjeiras frondosas,  
O canário, em sustentidos,  
Tira notas sonoras.

Por bemol o caboclinho,  
Saltitando aqui e ali,  
Modula, mas não se esquece  
Do maduro sapoti.

O canoro pintassilgo,  
A patativa queixosa,  
Com seus apojos encantam,  
Na orquestra harmoniosa.

O mimoso curió,  
No castanheiro vistoso,  
Com seus mágicos prelúdios  
Se apresenta primoroso.

Também o dourado “encontro”  
Lá está, de quando em quando,  
Em branda terça menor  
Sua lira temperando.

**Ouvertures** e duetos,  
Boas chulas e lundus,  
Aprecio, transportado,  
De anilados sanhaçus.

Outro músico dos bosques,  
Sobre ramos verdejantes,  
Descantam agras saudades  
Dos seus peitos palpitantes.

O saudoso sabiá  
De maestro aqui figura,  
Um solo sobre a palmeira  
Executa com ternura.

Na sombra refrigerante  
Do poético pomar,  
Passeia e geme a rolinha,  
Chamando o seu doce par.

Oh! Sítio ameno e risonho:  
Tuas cristalinas águas  
Um peito aflito banhando,  
Lhe afugenta as tristes mágoas.

Tu me inspiras e ofereces  
Sumo prazer, gosto tanto...,  
Que te darei eu também?  
Dou-te o meu insulso canto.

*Nota de Câmara Cascudo: “Copiado do número 10 d’A **Tribuna**, de 4 de outubro de 1894. Foi publicado no **Recreio**, em 1861.”*

*Ao conselheiro João Alfredo*

Não consintas Alfredo, exímio e justo,  
Que ímpios apóstolos de uma seita indina,  
Postergando do Cristo a sã doutrina  
Menosprezem as leis e o sólio augusto.

Tu podes, de uma vez, banir sem custo  
Essa horda rebelde e viperina,  
Que nossa cara pátria contamina  
Derramando a discórdia, o pranto e o susto.

Tens méritos preclaros, és brasileiro  
Imita com teus feitos gloriosos  
Alto Ministro de José Primeiro,

No sacro **panthéon** de heróis famosos  
Teu nome brilhará sempre altaneiro,  
Por entre doces carnes sonorosos.

1874

## GLOSA

### Mote

De arroz, açúcar, formiga  
Fiz a minha sobremesa.

Dado ao poeta pelo senhor José Domingues, por ter encontrado formigas  
no prato em que se servia.

Tomara achar quem me diga,  
Sem à verdade faltar,  
Se alguém já teve um jantar,  
De arroz, açúcar, formiga.  
Somente a minha barriga,  
Sem náuseas, sem estranheza,  
Acomoda com certeza  
Grilos, pulgas, mariposas.  
E destas **cousas e loisas** (\*)  
Fiz a minha sobremesa.

#### *Notas de Câmara Cascudo:*

(\*) cousas e loisas era o ditado da época; queria dizer “e outras cousas iguais”;  
“Esta glosa me foi ditada, no dia 28 de maio de 1920, pelo Prof. Joaquim Lourival”.

## DEUS

Desperta-te, alaúde e harpa, que  
despertarei na alva do dia  
Louvar-te-ei entre os povos, Jeová:  
salmodiar-te-ei entre as nações.

*Cânticos de David.*

107. vv. 3 e 4

Oh! Deus Imenso, Poderoso e Forte,  
Deus infinito de inaudito amor,  
Abre teus cofres de tesouros tantos  
Que a tantos vates teu amor concede.  
Dá-me de Eschylo, de Virgílio dá-me  
Aquele gênio (divinal portento!...)  
Que não quiseram consagrar a Ti,  
De heróis e prados se ocupando sempre,  
Nem um só canto para Ti guardaram!...

As maravilhas, que são obras Tuas,  
Sim, contemplaram de harmonia ébrios  
Entre os enlevos de sonoros cantos;  
Mas, esqueceram na vaidade louca  
Que esses prodígios de beleza tanta  
Eram migalhas que te caem das mãos!...  
Calaram cantos que soar deviam,  
Oh! sim, calaram, quem negar se atreve?  
E as lindas notas de melhor arpejo,  
Que a lira ebúrnea soluçar queria,  
Retemperada no prelúdio brando,  
Ah! Não sacaram por que eram Tuas.

Oh! Deus supremo, criador de tudo,  
Trino em pessoas, quem a Ti se iguala?  
Abre estes cofres de tesouros tantos,  
Que abriste a Homero, a Propércio e a Dante.  
Dá-me uma lira, que sagrada a Ti,  
Que a Ti só diga quanto em mim eu sinto,  
Pois este mundo de ilusões, de enganoso,  
Zomba, escarnece do singelo crente.  
Dá-me um arpejo que, de Ti só digno,  
Só tu entendas o que nele explico,  
Dá-me harmonias divinais, estranhas,  
Que aos maus confundam, que aos fiéis encantem.

– Eu Sou Quem Sou – Assim disseste ao ínclito  
Moisés egrégio, destemido e crente,  
Que humilde e grato te escudou prostrado,  
Quando fazias o Sinai tremer!  
E trovejando do Tabor nas grimpas,  
Quando do Cristo testemunho davas,  
Terrível, assombroso ali falaste,  
Com estranho brilho e majestade tanta,  
Que o sol ardente receando olhar-te,  
Seus raios fúlgidos escondeu medroso!  
Quando no Gólgota, em suplício hórrido,  
Teu Filho Amado nosso bem firmava,  
O universo de terror convulso  
Submisso pede que o enojo aplaques.  
No céu, na terra, no universo inteiro,  
Frase condigna não se achou, não há,  
Que possa ao certo definir Quem És!

Ímpios descritos, de saber estulto,  
Vós, qual a serpe que deudeja cega,  
Entre silvados, sibilando à toa  
Vivente bíceps, oh! não vê bem perto  
Medonha flama, crepitante, horrível,  
Lavar no solo que o cultor prepara,  
E vai raspar-se no voraz incêndio;  
Seguiu a trilha da mortal ciência,  
Sem luz, sem norte, vesgueando a tudo,  
Ou antes, tudo tateando cegos,  
Por entre os dédalos do sofisma louco,  
Até lançar-vos no fatal abisso.  
Mas, quem na terra haverá que possa  
Cantar Aquele que dizendo – “Fiat”!...  
Tudo viu feito, viu com vida tudo?!...  
Inda assim, quero, te suplico, imploro:

Deus Piedoso, Presciente e Justo,  
Favor e graça p’ra sagrar-te um hino.  
Dá-me harmonias divinais, estranhas.  
Que aos maus confundam, que aos fiéis encantem.  
Glórias, Hosanas, que nos céus te encantam,  
Inda não bastam, meu Senhor Eterno,  
Preciso faz-se que na terra os homens  
Te sagrem cantos, melodias brandas,  
Abemolados em adágio terno.

*Nota de Câmara Cascudo: “Copiado do n.º. 11, de 9/11/1897. Traz no fim a nota: ‘É a segunda publicação a pedido’”.*

## O PINTASSILGO

(LUNDU)

Linda, inocente avezinha,  
Pintassilgo, não gorjeies.  
Da saudade o voraz fogo  
Mais e mais, oh!... não ateies.

### **Estrilho**

Habitador  
Da selva escura  
Minha ternura  
Não te comove?!  
Nem mesmo Jové  
Meus ais escuta,  
Pois, nesta gruta  
Choro meu males...  
Peço te cales,  
Que esse teu canto  
Me aflige tanto...  
Ó! Pintassilgo!

Se tu amas, insensível  
Aos reveses do destino,  
Eu amo e sinto os efeitos  
Do seu impulso ferino.

**Est.**

Habitador, etc.

Vai alegre procurando  
Os encantos do teu ninho,  
Que eu fico triste a sofrer  
Da saudade o duro espinho.

**Est.**

Habitador! Etc.

1854

## FLOR ENTRE ESPINHOS

Em terra escabrosa  
De brenhas escuras,  
Por entre fraguras  
Nasceu linda flor.

Ao vê-la, senti  
No meu triste peito  
O mágico efeito  
Que produz amor.

Enquanto minha'alma  
Se ardia penosa  
Na chama inditosa  
De louca paixão.

A flor inocente  
Parecer dizia  
Que unir-se queria  
Ao meu coração.

Tentei arrancá-la  
De sítio tão feio  
E pôr em meu seio  
A flor, que é meu bem.

Mas, ah! O cardume  
De espinhas agudas  
E urzes peludas  
Meus passos contém.

E a flor que me encanta,  
Vivendo entre espinhos,  
Ficou sem carinhos,  
Ficou sem amor.

E eu soluçando  
Chorasas endechas,  
Do fado mil queixas  
Maldigo o rigor.

*Aldeia Velha.*

## A UMA MANGUEIRA

Copada mangueira,  
Vistosa e faceira,  
Que do rio à beira  
Se vê florear.

Me lembras o dia  
De amor e folia,  
Em que terna ouvia  
Marília cantar.

Que belos folgares,  
Que lindos esgares,  
Que ternos olhares  
Eu vi junto a ti.

Que gratas ledices,  
Que mil garotices,  
Que amor, que meiguices  
Então eu fruí.

Na tua ramagem  
Por entre a folhagem  
Vinha a doce aragem,  
Branda, respirar.

Também no enredo  
Do mago brinquedo,  
Marília em segredo...  
Ouvi suspirar.

Sentada na areia,  
Cantava a sereia,  
Mostrando-se cheia  
De gosto e prazer.

Porém, no entanto,  
Visei com espanto,  
As gotas de um pranto  
Marília esconder.

Mistério de amores  
Que envolvem pudores  
De riso e de dores  
Cantar eu não sei.

Só sei que a doçura  
D'afeição mais pura  
Da sombra à frescura  
Ditoso libei.

Amores, afetos,  
Carinhos seletos,  
Afangos diletos  
Me viste gozar.

Mas, disto somente  
Conservo na mente  
Lembrança pungente,  
Que fere a matar.

Frondosa mangueira  
Altiiva e faceira  
Que dita ligeira  
Me vens recordar!...

Não lembres o dia  
De tanta alegria  
Em que me sentia  
Num anjo a cantar.

1875

## QUEM DERA...

Auras perfumosas  
Festejai as rosas  
De cor purpurina,  
Que a bela Aurecina  
Já olha p'ra mim.

### **Estribilho**

Quem dera!... Oh! Meu Deus  
Vê-la sempre assim.  
(repete no fim dos versos)

Mimosa açucena,  
Orna-te com a amena,  
Gota matutina,  
Que a bela Aurecina  
Já olha p'ra mim.

Gentil beija-flor,  
Sorve com fervor  
A essência mais fina  
Que a bela Aurecina  
Já olha p'ra mim.

Regato, serpeia  
No prado, campeia,  
Abre-te, ó bonina!  
Que a bela Aurecina  
Já olha p'ra mim.

1874

## QUI POTEST CAPERE CAPEAT

Por que razão,  
Lindo pavão  
Ouço grasnar  
E resmungar?  
Gralha praguenta  
E virulenta  
Contumélias crocitando  
E a sua cor deslembrando?

Vem cá, fagueiro,  
Fiel rafeiro,  
Por que o raposo,  
Tão caviloso,  
Lá está uivando,  
E regougando,  
Todo arдил, todo maldade,  
Contra a tua lealdade?

Torçaz ligeiro,  
Lindo e faceiro,  
Por que o nefário  
E sanguinário  
Açor cruento,  
Tão violento,  
Entre as garras furiosas  
Te rasga as penas mimosas?

Alma remida  
De Deus querida,  
Por que Lusbel  
Anjo infiel,  
Tão carrancudo,  
Ingrato a tudo,  
Quer dar graças por insídias,  
Expelir-te com perfídias?

Doutor Segundo,  
Vate profundo,  
Diga a razão  
Dessa paixão,  
Desse rancor,  
Desse furor  
De verdugos insolentes  
Contra tantos inocentes?

## **GLOSA**

### **Mote**

Escorei Nossa Senhora  
Com um bacamarte na mão.

### **Glosa**

Contra a Virgem, que se adora,  
Renhida questão se trava,  
Mas, eu tomando a palavra,  
Escorei Nossa Senhora.  
Os ímpios saem, vão embora  
Receando a conclusão,  
Porque eu lhe disse então  
Que afinal sustentaria  
A pureza de Maria,  
Com um bacamarte na mão.

*Nota de Câmara Cascudo: "Ditado pelo Prof. Joaquim Lourival."*

## AH!... CRÊ MARÍLIA

Marília bela,  
Meu doce encanto,  
Não sabes quanto,  
Por teu respeito,  
Eu terno sinto  
Dentro do peito.

Assim prenda querida, idolatrada,  
Vou levando esta vida amargurada,

Na fantasia  
Sempre te vejo,  
Te adoro e beijo,  
Mas, sofro logo  
Triste desgosto.

Porque vejo e conhecer ser delírio  
Da paixão que me dá duro martírio.

Se falo ou canto,  
Se durmo ou velo,  
É meu desvelo  
Ter-te na mente,  
Ah! Crê, Marília,  
Em quem não mente.

E se queres de Amor os votos meus,  
Vou, curvado aos teus pés, jurar por Deus.

Ouve, ó meu anjo,  
Tu me encantaste,  
Tu me mataste,  
Como?! Não sei...  
Só dizer posso  
Que vi-te, amei.

Com amor mais ardente e fido  
Que o puro amor de Tasso estremecido.

## ORA... ISTO NÃO É O CÃO?

(LUNDU)

Marília, de ti se queixam  
Meu amor, minha paixão,  
Por que te falo e me dizes:  
“Ora, isto não é o cão”?...

A um anjo como tu,  
O Demo não tenta, não,  
Por isto nunca me digas  
“Ora, isto não é o cão”?...

Eu sei que essa frase oculta  
Grata, amorosa intenção...  
Mas me vexas, quando dizes:  
“Ora, isto não é o cão”?...

Se és alma de minha vida,  
Eu sou do teu coração...  
Assim não me digas mais:  
“Ora, isto não é o cão”?...

Porém, Marília, isto é graça,  
Não me ofende esta expressão,  
Tu me amas, quando dizes:  
“Ora, isto não é o cão”?...

Grava-se todo em meu peito  
De Amor o duro farpão  
Quando dizes amorosa:  
“Ora, isto não é o cão”?...

Ah! Dize, dize Marília,  
Compreendo, tens razão,  
Dize, meiga e carinhosa,  
“Ora, isto não é o cão”?...

1.º de outubro de 1875

## **GLOSA**

### **Mote**

Evangelistas na missa...

Já vi o mar em sossego,  
O ódio tornar-se amor,  
Borboleta em beija-flor,  
Rato virar-se em morcego.  
Vi querer ser Papa um leigo,  
Vi trabalhar a preguiça,  
Vi se calar a justiça,  
Mas, ainda não tinha visto,  
Perante a imagem de Cristo,  
Evangelistas na missa.

*Nota de Câmara Cascudo: "Ditado pelo Prof. Joaquim Lourival."*

## CHARADA “PORANGABA”

Ao Dr. Henrique da Câmara

Naquele tremendo dia  
De prantos, susto e alaridos  
Os tristes filhos de Adão,  
A que serão reduzidos? **PÓ**

Coitadinhos! Querem Rei **RÃ**  
De senso, justiça e paz.  
Mas, o tal Jové tonante  
Lhes manda a serpe voraz.

Agora, caro leitor  
Como a obra fecharei?  
Mete um 1 no permeio  
Que o nome terás dum Rei **Ga-1-ba**

### Conceito

Nas plagas brasiliensis,  
Dos cearenses vergéis,  
Mais linda que a linda Flora,  
Conquistava mil lauréis.

De rosas e belvederes  
Trazia a fronte coroadada.  
Era a miragem dos campos,  
Era a estrela da alvorada.

Mas, teu filho, oh! Páfia Deusa,  
Inspirou-lhe infausto amor.  
Foi o infausto menino  
De seus males o motor.

Acabou com vida infame.  
Mas ela, infame não era,  
Quem resiste a um terno amor,  
Quando no peito lhe impera?

*Nota de Câmara Cascudo: “Do número 7, do **Echo Miguelino**, de 12 de novembro de 1874.”*

## GLOSA

### Mote

A estrela d'alva é bonita,  
Mas não é como o meu bem.

Quando o rebanho se agita  
Pela flauta do pastor,  
Quando o rocio enfeita a flor,  
A estrela d'alva é bonita.  
Seu nobre esplendor imita  
Ao da cândida cecém,  
Seu fulgor que fica além  
Do brilhante e da safira,  
É lindo, é bom, sem mentira,  
Mas não é como o meu bem.

Lusbel, o anjo sem dita,  
Que no céu fez rebeldia,  
Por Lúcifer se dizia  
A estrela d'alva é bonita.  
Por ser lindo, ele acredita,  
Não ser sujeito a ninguém  
Neste planeta também,  
De nome e beleza igual,  
Julga-se só, sem rival,  
Mas não é como o meu bem.

*Nota de Câmara Cascudo:*

*“Lourival Açucena fez deste mote três ou quatro glosas, porém o seu filho, Prof. J. Lourival, só se recordava de duas; obriga-me a consigná-las somente.”*

## EPITÁFIO

No túmulo do jovem Sebastião Athanásio de  
Oliveira, nascido a 2 de maio de 1854 e falecido  
a 9 de agosto de 1878.

É esta a flor, que no sorrir da vida  
Caiu ao sopro do tufão da morte,  
Mas, o perfume do quebrado cálice  
Nos céus encontra melhor vida e sorte.

**CANTATA**

Em boa noite de festa  
A minha opinião é esta:

Quem não se titila ouvindo  
Um violão, alta noite...  
Em mão que o tanja e açoite  
No **menor**, que fere o peito?...  
Em lindo luar de estio,  
Não, não perco **marruada**,  
Em vida triste, isolada  
Não acho graça nem jeito,  
Por isto quem quiser pode  
Meu sistema reprovar,  
E quem de mim se ocupar  
Que lhe faça bom proveito...  
O misantropo (agiota)  
Que só quer guardar vintém,  
Que gosto, que glória tem  
Nesta vida transitória?  
Se a vida é incerta e curta,  
Para que tanta ganância,  
Sem prazer, gosto e flamância,  
Sendo dos homens escória?  
Chiquinho afina a viola,  
Vamos cantar, meu amigo.  
Não quero choros comigo,

E nem admito história...  
Na pataca do mesquinho  
Tem o demo três tostões,  
Tem mais dez réis os zangões,  
Que festejam-lhe o cortiço...  
Que resta ao pobre diabo  
Que nunca em função se viu?!  
Não comeu, não divertiu,  
Empedrado como ouriço,  
Quem quiser pode gritar,  
Contestar meu parecer,  
Mas, se a mostarda me arder,  
Veja que encontra serviço...  
Quem não puder ser pantana  
P'ra bobo não meta empenho,  
Que lucro, que ganho eu tenho  
Em viver sempre a ermar?  
Não tenho gênio de monge,  
Nem também de caboré  
Hei de quebrar no dó-ré...  
Até Bernardo chegar.  
Andreza, traze café,  
Traze pão, queijo e batata,  
Não dispenso a serenata,  
Pois temos belo luar.  
Viva a crítica mordaz

Com sua misantropia,  
Que eu irei entre harmonias  
De boas chulas passando...  
Quem for mocho ou corujão  
Viva lá sempre escondido...  
Cá o homem divertido  
A vida irá flauteando.  
Bata o pinho, corra o vidro,  
Haja bolo, haja canjica,  
E gostos à tia Xica  
Neste mundo vamos dando.

Uma musa decrépita e cansada,  
Do caruncho da idade carcomida,  
Percutindo na lira envelhecida  
A nota há de sacar desafinada.  
Mas, em frase, direi desalinhada  
Que uma virgem conheço enobrecida,  
(Formosa Hury) de dons enriquecida,  
De celestes virtudes adornada.  
Crê-me oh! Coelho, meu sincero amigo,  
Que hipérbole, falácia não me encanta,  
E nem contrato ou pacto fez comigo,  
Em seu rosto transluz candura tanta  
Que a toda hora, a todo instante digo  
“Não parece mulher, parece **santa**”.

*Nota de Câmara Cascudo: “Mote dado pelo Sr. Manoel Coelho de Souza e Oliveira.”*

## O DESPOTISMO E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Do despotismo  
O gênio sórdido  
E o bafio mórbido  
Sofre o Brasil,  
No seu valente  
Pulso atlético  
Suporta tétrico  
Duro grilhão.  
Altos decretos  
Da providência

Com reverência  
Sabe acatar;  
Porém, brioso,  
Calca o flagício,  
E ao céu propício  
Levanta a voz.  
Os meus gemidos  
Do teu aurífero  
Sólio estelífero  
Ouve, ó Tupã.

Não mais consintas,  
Lá do Empíreo,  
Neste martírio  
Da escravidão.  
Oh! Tem piedade,  
Tupã, clemência,  
Independência  
Ou morte já,  
Do diamantino  
Assento fúlgido

Rubroso e fúlvido  
Fala Adonai.  
Que sejas rico,  
Sábio, libérrimo  
Nobre, integérrimo  
Eu hei por bem  
E dou-te em Pedro  
O herói mais bélico,  
O teu angélico  
Bem tutelar.

Já sente o monstro  
Cruel, satânico  
Um terror pânico  
Regelador.  
É que o arresto  
De Jové ínclito  
Lhe quebra o ímpeto  
Fero e mortal.

Os seus sequazes  
Ministros pérfidos

Procuram férvidos  
A fuga vil.  
Lá repercute  
O eco nímio  
De Pedro exímio  
Imperador!  
No Ipiranga  
Dá grito rívido  
Que torna frígido  
O monstro audaz.

Rangendo os dentes,  
Convulso e bárbaro,  
Danando o Tártaro  
Em seu covil.  
Lá escancara  
A boca hórrida  
E a fauce tórrida  
Tenta rasgar;  
Lambendo as patas  
O monstro sabido

Afia esquálido  
Dente fatal.  
Pois que inda intenta  
Noutro hemisfério  
Seu negro império  
Reivindicar.  
Atroa o antro  
Nojento e lóbrego,  
Bem feio e sôfrego  
Urso feroz.

No desespero  
Flama sulfúrea  
Lhe estanca a fúria  
Ei-lo no chão.  
A mais ridente  
Aurora rúbida  
Desponta lúcida  
De encantos mil  
Ela anuncia  
O mais licífero

E salutífero  
Dia feliz.  
Setembro salve...  
No dia sétimo  
De maior préstimo  
Que não tem par.  
Dia faustoso  
De pompa régia

De glória egrégia  
Para o Brasil.

Lá grita o povo,  
Por excelência  
Independência,  
Viva a Nação!  
Repete o eco,  
Na eminência,  
“Independência!  
Viva o Brasil!”

1861

## PURPÚREA FLOR

Purpúrea flor, linda rosa  
perfumosa,  
Eu te contemplo e namoro,  
Eu vejo o teu colorido  
refletido  
À face de um bem que adoro.

É Glaura, fada bendita,  
Que medita  
Nas vascas de acerba dor.  
É minha luz cambiante,  
coruscante,  
É meu anjo, é meu amor.

Seu olhar, seu passo e riso  
Eu diviso,  
Quando essas brisas te embalam,  
Suponho escutar-lhe a medo  
Um segredo  
Quando os favônios te falam.

Linda flor aljofarada,  
Borrifada  
Pelo rocio matutino,  
Tu pareces na paisagem  
A miragem  
Daquele arcanjo divino.

## À SENHORA DA APRESENTAÇÃO

Linda filha de Deus, Mãe amável,  
Salve! Salve! Ó Esposa de Deus...  
Vossa glória é perfeito louvor  
Só se pode cantar lá no Céu.

Sacra efígie, formosa, adorada,  
Mudamente do alto anuncia  
Que dos jovens fiéis natalenses,  
A sagrada missão principia.

És a imagem d'aquela heroína  
Que ao Dragão infernal conculcou.  
Da Rainha dos Céus e da terra  
Que dos homens o pranto enxugou.

Vai Imagem de nós venerada  
Com a aragem fagueira brincar,  
Inspirando respeito e prazer  
Para a festa os fiéis convidar.

24 – 11 – 1861

*Nota de Câmara Cascudo: “Noite dos Rapazes. Publicado no **Recreio**.”*

**VARIEDADE**

Não é charada ou enigma,  
Nem tampouco metagrama.  
Também não é logogrifo  
O que é? Como se chama?  
Para que adivinheis  
É mister que decifreis.

Do Amor, saudade e ciúme  
Crua guerra estou sofrendo,  
Por uma gentil Deidade  
Que me faz viver morrendo.

O cruel açoite  
Da ímpia Megera  
Mais que o seu desdém  
Tormentos não gera.

Seu nome é qual doce som  
De queixoso violão,  
Ou da flauta à meia-noite  
Do amante em solidão.

Dizê-lo não posso,  
É crime, é defeito,  
Soar deve só  
Cá dentro em meu peito.

Não é Jônia, nem Arminda,  
Não é Maria, nem Lília,  
Não é Glaura, nem Ersina,  
Nem Anália, nem Marília.

Não é Filomena,  
Nem também Francina,  
Natália não é,  
Nem mesmo Josina.

Entre Belisa e Temira  
Existe tal harmonia  
Que bem combinada explica  
Dum tal nome a melodia.

Inda disse muito  
Quanto não devia,  
Ó musa indiscreta!  
Tanto eu não queria.

## FORMOSA COMO UNS AMORES

Marília, ouve-me, escuta,  
Ah! modera os teus rigores;  
Eu te amo, porque és  
Formosa como uns Amores.

Subindo ao Parnaso eu vi,  
Ardendo Aglaia em furores  
Desdenhar-te, porque és  
Formosa como uns Amores.

Tália, cheia de inveja.  
Disfarçando seus pudores  
Não pode negar que és  
Formosa como uns Amores.

De pejo, Eufrosina mostra  
A face em diversas cores,  
Mas confessa enfim que és  
Formosa como uns Amores.

As Deidades do Parnaso  
Prorrompem em mil clamores,  
Despeitadas porque és  
Formosa como uns Amores.

Mas, Apolo enamorado  
De teus mimos e primores,  
Responde-lhes: “É Marília  
Formosa como uns Amores”.

E eu, ó bela Marília,  
Não te faço aqui favores,  
Repetindo que tu és  
Formosa como uns Amores.

*Nota de Câmara Cascudo: “Publicado em 1885, no Pândego.”*

## QUEIXUMES

Atende, ó bela,  
Ouve, ó Corina,  
Harpa que afina  
Esta minh'alma,  
Sustém, acalma  
Tanto despeito...  
Que a este peito  
Sufoca e mata.

O negro Averno  
Se enferneceu,  
Tocando Orfeu  
Na doce lira,  
Mas não te inspira  
Ternura e dó  
Harpa que só  
Respira amor?

Tudo agita,  
Tudo se abala,  
A rocha estala  
À voz de Amphion  
Porém o som  
D'harpa que gemo  
De dor extremo  
Não te comove.

Do mar profundo  
Surgem tritões  
A ouvir os sons  
D'harpa de Zino  
Só teu indino  
Peito feroz  
Desta harpa a voz  
Nunca se abranda.

## **EHEU, FAME PEREO**

Escuta, ó Árbitro  
Do Universo  
Meu triste verso,  
Eheu, fame pereio.

De Abraão, Isac  
E de Israel,  
Ó Deus fiel  
Eheu, fame pereio.

Se deste ao povo  
Lá no deserto  
O maná certo  
Eheu, fame pereio.

Tu que remiste  
O pecador,  
Ouve, ó Senhor,  
Eheu, fame pereio.

Se dás ao Mártir  
Força e valor,  
Meu Redentor  
Eheu, fame pereio.

Não desampares  
Teu pobre servo,  
Bem que protervo  
Eheu, fame pereio.

Oh! Não ostentes  
O teu poder  
No meu sofrer  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o Senhor,  
P'ra o Oceano  
Que ruga ufano,  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o na feia  
Procela undosa  
Que freme irosa  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o no feio  
Tufão tremendo  
Que berra horrendo  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o e ostenta-o  
Com o desabrido  
Ímpio e descrido  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o também  
P'ra o que não quer  
Nosso irmão não ser  
Eheu, fame pereio.

Mostra-o ainda  
P'ra o orgulhoso  
E ambicioso  
Eheu, fame pereio.

Eu, servo indino,  
Fraco, imperfeito  
Te amo e respeito  
Eheu, fame pereio.

Lá grita o filho  
Do coração  
“Eu quero pão”  
Eheu, fame pereio.

Responde a Esposa,  
No transe amaro,  
“Esposo caro  
Eheu, fame pereio”.

Em mim preparas  
Um outro Job?  
De mim tem dó  
Eheu, fame pereio.

Dá-me, ó Monarca,  
Pai do Universo,  
Fado diverso  
Eheu, fame pereio.

Manda-me auxílio  
Senão eu morro,  
Dá-me o socorro  
Eheu, fame pereio.

E tu também  
Nobre Veloso,  
Se és piedoso  
Eheu, fame pereio.

## A MENSAGEM

Vai sobe, ó meu Verso,  
Vai ao alto Pindo  
Rebater as mágoas  
Que vivo carpindo.

Lá de Mnemosine  
Chega-te a presença  
E para falar-lhe  
Suplica licença,

Rende-lhe teus cultos  
Dá-lhe vassalagem  
E todo curvado  
Presta-lhe homenagem

Pede-lhe que te mostre  
Suas filhas belas  
Pois levas rendado  
Para todas elas.

Apresenta-te às nove  
Formosas Camenas,  
As minhas saudades  
Minhas duras penas.

Diz-lhes que os cantos  
Que elas me inspiraram  
Já em triste pranto  
Prestes se mudaram.

Que vivo do Fado  
Fazendo mil queixas  
Cantando somente  
Insulsas endechas

Conta-lhes meu Estro,  
Que eu sem o amável  
Tratamento delas  
Vivo inconsolável.

Mas este não é  
O fim da mensagem  
Nem mesmo o motivo  
De tua viagem.

Eu te exponho tudo:  
Descubro o segredo,  
Que de Argus e Zoilos  
Nunca tive medo.

Há uma entre Elas  
Por quem eu suspiro,  
Por quem desatino,  
Anseio e suspiro.

Ela tem a forma  
Toda angelical,  
É uma que canta  
Com voz divinal

Na mão tem a flauta  
Por ela inventada,  
Regendo harmonia  
De uma arte encantada.

Com a linda fronte  
Coroadada de flores,  
Desprende da flauta  
Sons encantadores.

Por esta é que sinto  
Mais paixão no peito,  
Por quem sinto n'alma  
Amor mais perfeito.

Euterpe... se chama,  
Que nome engraçado!...  
Eu sempre o repito  
Todo extasiado

Nessa feiticeira  
Dá um abraço,  
E muito em surdina  
Um doce beijinho

Diz-lhe que ando  
Perdido por ela,  
E que nesta vida  
Só anelo vê-la.

Mas isto farás  
Com tanto recato  
Que zelos não sintam  
Tália e Erato.

Mesmo de Calíope  
Eu tenho receios  
Que pena necessita  
Os teus devaneios.

Enfim, como a todas  
Rendo adoração,  
Só conheço de Euterpe  
A predileção.

Volta, vem depressa,  
Logo me contar,  
Se a viste sorrir,  
Se a viste corar.

Ah! não te demores,  
Vai, corre meu Estro,  
Sê meu confidente,  
Deixa-te de sestro.

A ninguém reveles  
Tua comissão,  
E que se divulgue  
Não te importes não.

Fala com o mundo  
Como bem quiser,  
Viva cada um  
Como lhe aprouver.

*Nota de Câmara Cascudo: “Do **Recreio**, 1861”*

## OS TRENOS DE UMA AMANTE

Amo muito... e na saudade  
Sofro os tratos do inferno,  
Arde em meu peito um vulcão  
De amor delirante e terno.

Também, terno me idolatra  
O mortal que adoro e prezo,  
Quando seu nome profiro  
Do mundo as vozes desprezo.

Ainda menos oprimida  
Nesta odiosa clausura,  
Sou feliz, se ele de longe  
Diz-me um adeus com ternura.

Ternos suspiros magoados  
De um peito quase morto...  
Ide ajuntar-vos aos dele,  
Prestai-lhe vida e conforto.

Se soubesse o mundo infausto  
Do poder dessa paixão,  
Desculpava os tristes ais  
Que solta meu coração.

Meu Deus! Meu Deus! Meu bom Deus!  
Confesso a paixão que aturo;  
Revogai a lei tirana  
Do meu fado austero e duro.

Quando o mundo me condene,  
Só de vós quero a piedade,  
Só vós julgais compassivo  
Delírios da Humanidade.

## **ASAS DE CÃO**

Clorinda, tu és um anjo  
Na candura e na feição,  
Mas, a Deus aprouve dar-te  
Travessas asas de Cão...

Se hospedar inda eu pudesse  
Terna, amorosa paixão,  
Seria abraçar-me todo  
Nas tuas asas de Cão.

Se voltar aos belos tempos  
Eu tivesse em minha mão  
Por certo não fugirias  
Nas tuas asas de Cão.

Mas, da idade a mão gelada  
Já marcou-me o coração,  
Não me toques, não me queimes  
Com tuas asas de Cão.

Rasgar, romper bem queria  
Minha terna devoção,  
As plumas aurifranjadas  
Das tuas asas de Cão.